

Eleições 2014 e Política Externa

Campanhas presidenciais do primeiro turno

Carlos R. S. Milani

Juliana Pinto Lemos

Táisa Rezende

É significativo e reconhecido que o Brasil, nestes últimos 12 anos de governos do PT, projetou-se no mundo e despontou como uma das lideranças do Sul, com base na defesa do multilateralismo, na crítica às assimetrias das relações Norte-Sul e na necessária superação de uma ordem internacional cujas instituições não mais refletiriam a geoeconomia mundial. É também reconhecido que, em um cenário mundial cada vez mais interdependente e permeado por desigualdades (econômicas, mas também de *status* político), fechar-se e atomizar-se não é uma opção para os países, ainda menos para os que dispõem de recursos diferenciais de poder. Essas são questões que se apresentam aos candidatos à presidência. A integração entre as dimensões doméstica e sistêmica da política externa, embora não esteja clara no discurso dos candidatos, decorre da necessidade de pensar os modelos de inserção internacional em debate, cada qual com diagnósticos distintos sobre os sentidos das mudanças no “mundo externo” e o modo pelo qual se refletem no plano doméstico.

Contudo, o que se observou ao longo do primeiro turno foi que, mesmo diante desse cenário e da necessidade crescente de se entender a política externa enquanto política pública, o tema “política externa” foi pouco pautado nas campanhas eleitorais dos candidatos à presidência em 2014. Em geral, foi um assunto tratado com generalidade, de maneira difusa e evasiva. Nas campanhas, a preferência foi pela discussão das políticas domésticas, buscando construir situações que aproximavam os candidatos

do eleitor, um contexto em que fosse possível tocar na realidade do eleitor. Nesse sentido, mais uma vez os temas de política externa não foram considerados eleitoralmente eficientes, pela dificuldade que têm os candidatos em aproximar o eleitor da PEB ou de dar-lhe a devida materialidade como um assunto-chave que também intervém no cotidiano do cidadão. A política externa brasileira (PEB), na avaliação dos candidatos, não “dá votos”, mormente porque a influência da PEB nas políticas domésticas seria de difícil construção cognitiva nos curtos tempos de fala durante os debates. O Brasil não é exceção: a literatura acadêmica aponta que apenas um público atento, de regra, tem interesse em política externa.

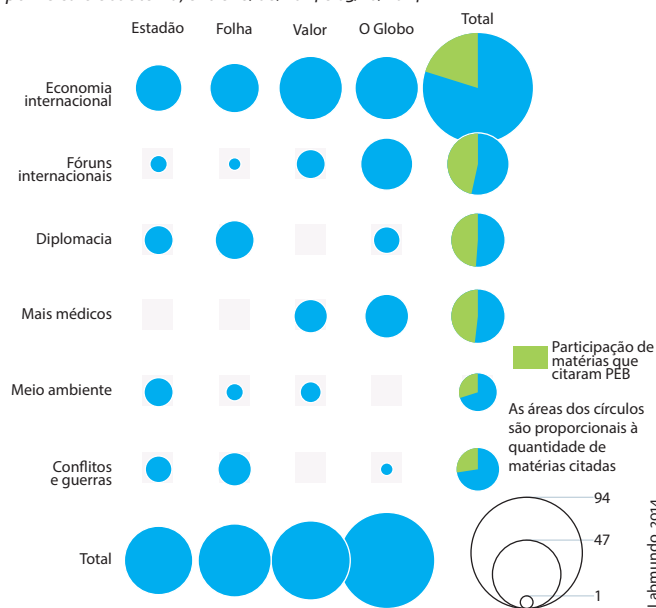
Portanto, o que se notou nas páginas de jornais de grande circulação (editoriais, artigos e matérias assinadas) foi, de maneira geral, mais do mesmo: troca de acusações, escândalos de corrupção e vez ou outra alguma matéria que tratou de projetos de governo e que, de forma secundária, tratou de agendas da PEB. Em virtude da relevância do assunto, o Laboratório de Análise Política Mundial (LAB-MUNDO-Rio) do IESP-UERJ, tem desenvolvido uma pesquisa que visa a analisar a frequência dos temas relativos à PEB nos jornais de grande circulação (acompanhamos os seguintes jornais ao longo da campanha: O Globo, Valor Econômico, Estadão e Folha de São Paulo), procurando identificar sua relevância durante toda a campanha dos presidentes. Pela observação, aqui resumida esquematicamente, constatou-se que alguns temas tendem a

aparecer mais do que outros. É o caso, por exemplo, das questões sobre economia internacional com referência em 94 matérias, seguido pelas Nações Unidas (29), a diplomacia brasileira (22) e o Programa Mais Médicos (22). No entanto, esses dados não contrariam o fato de que os temas da PEB não foram decisivos no primeiro turno das eleições.

No que tange à economia internacional, o tema surgiu para justificar baixas taxas de crescimento no setor industrial e o aumento da inflação, sem dis-

CAMPANHA PRESIDENCIAL 2014 NA IMPRENSA

Quantidade total de matérias com menção a temas internacionais (inclusive PEB), por veículo e subtema, entre 18/08/2014 e 03/10/2014



cutir seus desdobramentos propriamente no campo da PEB. Quanto ao Mais Médicos pouco se discutiu sobre o programa em si e sobre as relações que são estabelecidas com o governo de Cuba; o que se criticou, em geral, foi o próprio modelo do programa, baseado na articulação entre Brasil, Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e governo cubano, bem como o impacto doméstico junto às classes médias. No que cabe ainda às relações com Cuba, o financiamento do governo brasileiro para a construção do Porto em Mariel foi assunto que, embora com menor expressão, também incitou algum debate nos jornais selecionados, não sendo, contudo, um enfoque que fuja ao espaço quase restrito às críticas ao governo.

A abordagem negativa ao governo também justificou o alto número de menções à participação recente do Brasil na Assembleia Geral e na Cúpula do Clima da ONU, em Nova York. A participação da Presidente Dilma ganhou espaço nas páginas dos jornais por ter sido considerada um “palanque eleitoral” por seus adversários, Aécio Neves e Marina Silva, e não tanto pelo papel que cumpre o Brasil nesse fórum multilateral como Estado-membro fundador. Alguns poucos artigos apontaram que o Brasil não assinou a Declaração de Nova York sobre Florestas¹. Outros chamaram a atenção à posição da Presidenta-candidata que condenou ataques militares sem o aval da ONU.

Sobre a menção expressiva ao assunto “diplomacia”, que engloba desde a situação atual do Itamaraty até os rumos da Política Externa Brasileira em relação ao MERCOSUL, as relações bilaterais com os vizinhos da região, UE e EUA, é importante evidenciar o fato de que essas menções são, em grande parte, oriundas de colunas de opinião, o que significa dizer que cumprem um papel mais de crítica à ausência do tema nas campanhas do que propriamente a um espaço nas atuações eleitorais dos candidatos. Quando mencionada pelos candidatos, a diplomacia foi bandeira de programas da oposição (Marina Silva e Aécio Neves), que defenderam ambos a proposta de uma PEB menos “ideologizada” e mais “pragmática” no que se refere à redução do isolamento comercial brasileiro e a possíveis reforços nas relações com os EUA e a UE em detrimento do fortalecimento nas relações com vizinhos, com o MERCOSUL e outros países do eixo Sul. Quando mencionado nas colunas de opinião, o assunto “diplomacia” esteve mais associado ao que alguns classificaram como “abandono” e “perda de autonomia” do Itamaraty no atual governo. O Ministério, com o fim da “Era Lula”, teria perdido espaço nas agendas do governo de Dilma Rousseff.

Importante ressaltar que o espaço dos três principais candidatos, Dilma, Aécio e Marina, é notadamente maior e não raras vezes, desde o começo das

<http://www.un.org/climatechange/summit/wp-content/uploads/sites/2/2014/09/FORESTS-New-York-Declaration-on-Forests.pdf>

campanhas, usado pela oposição para criticar, e pela candidata à reeleição, para apresentar resultados e justificar-se em relação às “falhas” de seu governo. Isso acontece sobretudo no que tange ao tema de economia, onde os adversários teceram críticas às baixas taxas de crescimento, e a candidata petista se defendeu com o argumento de um enfretamento da crise global, que se iniciou em 2008, pela qual o Brasil passou sem grandes traumas, segundo ela. Foi possível perceber um esforço da candidata à reeleição, Dilma Rousseff, em afastar o que chamou de “diagnósticos pessimistas”.

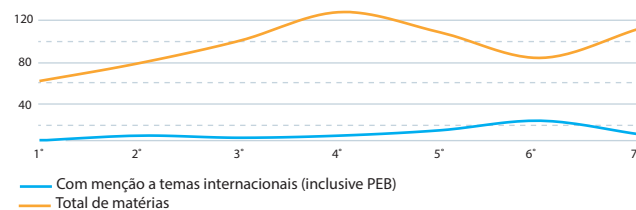
Em geral, apesar da relativa presença de temas internacionais nas matérias divulgadas pelos jornais, não houve sequer um artigo que apresentasse e discutisse a PEB em si. E, ao mesmo tempo, quando trataram de agendas da PEB, os artigos desenvolveram-nas como pano de fundo de uma menção ao internacional. No caso da economia, por exemplo, tema ao qual as campanhas se referiram com maior frequência, analisou-se a PEB quando a oposição comparou o crescimento brasileiro com o crescimento de vizinhos, tais como Chile, Colômbia ou México. E expressaram insatisfação com as relações bilaterais brasileiras com EUA e UE, por exemplo. Houve algumas menções diretas à PEB, como no caso das referências ao Programa Mais Médicos, mas não se tratava de debater a PEB e sim de associar a diplomacia a críticas ao baixo investimento nos próprios médicos brasileiros e na manutenção das condições da saúde pública no Brasil. A seguir apresentamos algumas imagens que ilustram os comentários acima e que fazem parte da pesquisa que vem sendo realizada pelo LABMUNDO-Rio, sobre PEB e Eleições 2014, cujos resultados finais serão publicados em breve.

É possível notar, ao analisar os gráficos isoladamente, que o número de menções ao internacional é regular em comparação com o total de matérias destinadas ao conteúdo das eleições presidenciais em cada jornal. Ou seja, não há variações bruscas no que tange às menções a temáticas internacionais. Em todo o período do primeiro turno analisado as

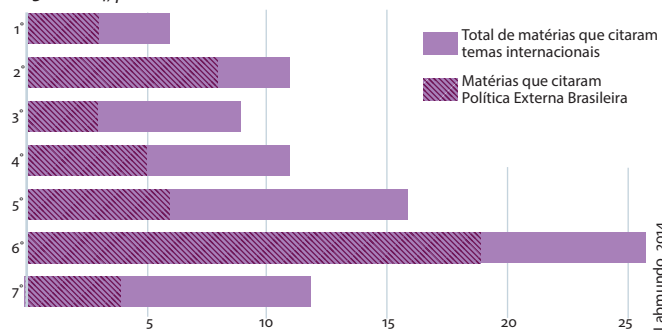
menções são poucas em relação ao total e apresentam certa regularidade quantitativa. O Valor Econômico, comparativamente, é o jornal impresso, entre os selecionados, que mais menciona o tema “internacional”, sobretudo na perspectiva econômica. Sobre a PEB em relação ao conjunto das menções ao internacional, a seguir apresentamos outras imagens.

EVOLUÇÃO DE MATÉRIAS EM O GLOBO (PRIMEIRO TURNO)

Matérias veiculadas, por semana, entre 18/08/2014 e 03/10/2014

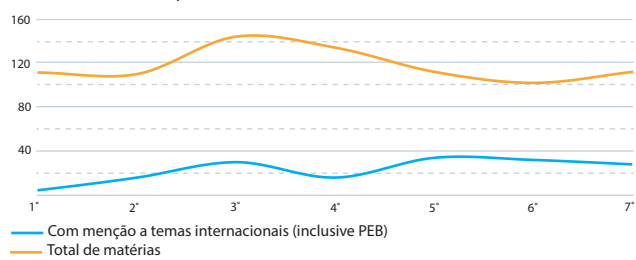


Quantidade de matérias que citam temas internacionais e PEB, entre 18/08/2014 e 03/10/2014, por semana

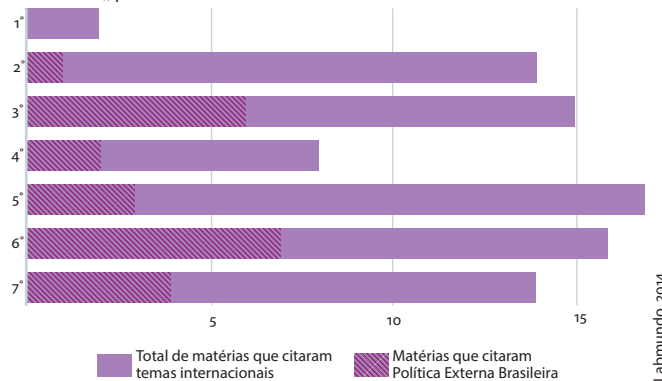


EVOLUÇÃO DE MATÉRIAS NO VALOR (PRIMEIRO TURNO)

Matérias veiculadas, por semana, entre 18/08/2014 e 02/10/2014

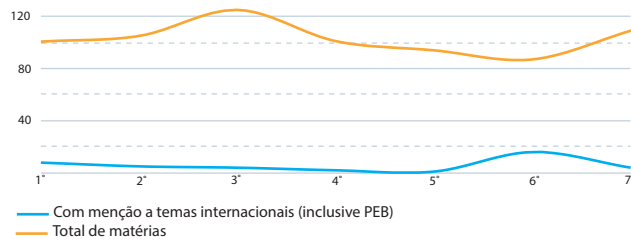


Quantidade de matérias que citam temas internacionais e PEB, entre 18/08/2014 e 02/10/2014, por semana



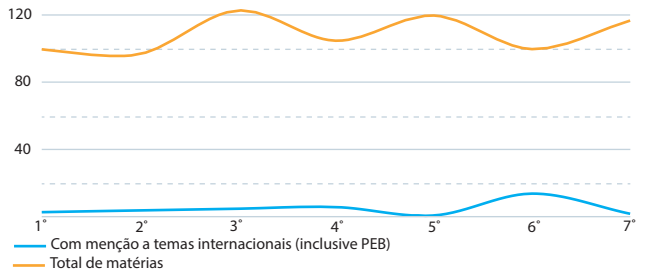
EVOLUÇÃO DE MATÉRIAS NA FOLHA (PRIMEIRO TURNO)

Matérias veiculadas, por semana, entre 18/08/2014 e 04/10/2014

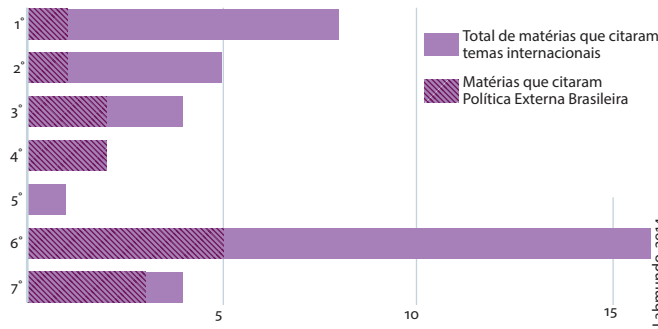


EVOLUÇÃO DE MATÉRIAS NO ESTADÃO (PRIMEIRO TURNO)

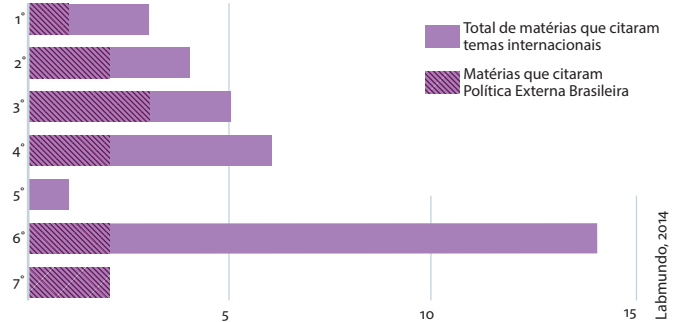
Matérias veiculadas, por semana, entre 18/08/2014 e 04/10/2014



Quantidade de matérias que citam temas internacionais e PEB, entre 18/08/2014 e 04/10/2014, por semana



Quantidade de matérias que citam temas internacionais e PEB, entre 18/08/2014 e 04/10/2014, por semana



Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2014

Layout, revisão das tabelas e das imagens por Rubens de S. Duarte e Tássia Camila de Oliveira Carvalho, ambos membros do Ateliê de Cartografia do Labmundo